

## **POR DENTRO DA SALA DE AULA, DO PASSADO AO FUTURO: UM NOVO OLHAR SOBRE A EDUCAÇÃO NO BRASIL**

**\*Marcela Montoro Garcia<sup>1</sup>, Willian Girarde<sup>2</sup>**

1. Estudante de Ensino Médio do Colégio Carbonell, Guarulhos/SP; [\\*marcela.garcia.2015@soucarbonell.com.br](mailto:marcela.garcia.2015@soucarbonell.com.br)

2. Orientador do Programa Syans de Iniciação Científica, Guarulhos/SP.

Palavras-chave: *educação, novo modelo, cooperação.*

### **Introdução**

Apontada como um dos principais problemas do país, a educação brasileira apresenta índices muitíssimo insatisfatórios em comparativos e rankings mundiais. A discussão é recorrente: o quê, efetivamente, faz com que tais resultados educacionais no Brasil sejam tão ruins? Pensando nisso e observando evidentes desmotivação e insatisfação tanto de adolescentes dos ensinos fundamental e médio quanto de seus professores, a autora propôs um estudo que altera o olhar sobre a educação, trazendo-o da esfera técnica à prática, da mesa da direção à carteira em sala de aula, dos estudiosos de pedagogia aos verdadeiros protagonistas — os alunos. Considerou-se como justificativa o fato, identificado pela autora, uma jovem pesquisadora do ensino médio, de que, depois de muitos anos estudando, alunos ainda saem do colégio com deficiências graves na escrita e operações matemáticas. Considerou-se também o pressuposto de que tudo isso ocorre em função justamente do sistema educacional e toda a estrutura social em que esses alunos estão inseridos e nos quais, geralmente, exercem papel de subordinados. O objetivo do trabalho foi realizar uma exposição desses problemas, com expressões valorativas, mas não só; pretendeu fundamentar tal exposição aparentemente leviana em elementos técnicos e passagens históricas, bem como ousadamente propor um novo modelo ideológico e possível de educação. Tudo por uma educação melhor.

### **Resultados e Discussão**

O modelo políticoeconômico no Brasil — o capitalismo — tem por natureza valores como a competição, estratificação social e o lucro. Hoje, muito por conta da pressão por conquistas e realizações, tais valores já são percebidos em sala de aula, no dia-a-dia dos alunos. Seria a atual escola, então, um novo instrumento para a inserção do adolescente no competitivo mundo capitalista? Estaria o ambiente experimental e de aprendizado cooperativo perdendo força nas instituições de ensino? Embora ainda não sejam cientificamente esclarecidas, as questões levaram a autora deste trabalho à sua principal referência bibliográfica: o livro "Sociologia", de Paul B. Horton e Chester L. Hunt. Nele, a antropóloga norte-americana Margareth Mead é citada. Diz-se que, para Mead, não existe uma sociedade toda competitiva ou cooperativa e que os vários graus de competição e cooperação existentes são determinados pelas respectivas estruturas sociais. No que se refere às tais estruturas, mas no âmbito educacional brasileiro, a maior parte das escolas adota o antigo sistema prussiano, esse conhecido por ter manipulado ideologicamente a população durante o período de unificação da Prússia e caracterizado, sobretudo, pela presença histórica de uma forte educação cívica, moral, linguística e matemática. Além disso, mas ainda nesse contexto, atualmente muitas escolas no Brasil se sustentam por meio da competitividade capitalista e a estratificação social por ela proporcionada. É possível, desse modo, classificar a instituição escola como cooperativa deliberada de grupo secundário, ou seja, uma organização que se utiliza da cooperatividade interna em função da promoção da competitividade externa. Para que se ilustre a passagem anterior, basta imaginar todo o ambiente de ensino e aprendizagem proporcionado pela relação escola-aluno — o que inclui, por exemplo, a rotina com bons professores ou uma adequada infraestrutura — construído quase que exclusivamente para que o aluno esteja preparado para enfrentar desafios como o vestibular ou para que mesmo a escola (por que não?) esteja preparada para enfrentar a concorrência de mercado.

### **Conclusões**

O ideal escolar vai além de boas notas e professores satisfeitos. A partir do momento em que alunos são tratados como iguais, sem que sejam considerados suas deficiências ou pontos fortes, a sala de aula se torna um ambiente competitivo no qual aqueles que não atingem a média ficam para trás. Assemelha-se, sendo assim, ao sistema capitalista e foge dos ideais propostos pela instituição escola. A propósito, a palavra *educação* indica, segundo o dicionário Michaelis, o "aperfeiçoamento das faculdades físicas intelectuais e morais do ser humano; disciplinamento, instrução, ensino" e não apenas o limitador banco de dados em que muitas vezes se formata uma escola de hoje em dia. O ideal educacional, propõe-se aqui, atribui a cooperação deliberada de grupo primário à educação, ou seja, sugere afetividade e a cooperação em grupos familiares dentro da própria escola. O livro que serviu de referência para a pesquisa mostra que pessoas funcionam melhor em grupo do que se tarefas fossem subordinadas a apenas uma pessoa e, sendo assim, estímulos interpessoais de um grupo seriam, nesse novo modelo, mais satisfatórios emocionalmente e tecnicamente muito mais eficientes. Enfim, a educação deve ser construída na base da cooperatividade, sendo esta instalada em uma escala macro e não restrita a uma instituição ou somente a uma sala de aula. O educar deve se universalizar, tomando o caminho reverso das privatizações e estratificações que tem tomado nos últimos tempos.